

# INTERPELAR O PASSADO, ACAUTELAR O FUTURO. A POESIA DE MANUEL RESENDE

JOÃO ARAGÃO  
Universidade Nova de Lisboa

**RESUMO:** Partindo da leitura do poema «Epigrama», procuro pensar o modo como Manuel Resende interpela o passado na sua poesia, propondo a interrupção da recorrência histórica que encaminha as sociedades no sentido da catástrofe. As evidentes simetrias entre a ascensão dos fascismos no primeiro pós-guerra e o actual recrudescimento da extrema-direita obrigam-nos a compreender e a acautelar as condições que, ontem como hoje, estiveram na sua origem. Recorrendo à concepção histórica de Walter Benjamin, que se afigura decisiva na compreensão da poesia de Manuel Resende, propõe-se que apenas a revolução permitirá interromper o curso do tempo e redimir os vencidos da história. «Epigrama» surge, deste modo, como um exercício de presentificação de uma realidade sombria que, pese embora as diferenças de cada circunstância histórica, pode voltar a verificar-se no nosso tempo. Alertar para as graves consequências desse regresso é, como procuro argumentar, um dos propósitos fundamentais da poesia de Manuel Resende.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia; política; história; fascismo; revolução.

## INTERPEL·LAR EL PASSAT, PREVEURE EL FUTUR – LA POESIA DE MANUEL RESENDE

**RESUM:** Partint de la lectura del poema «Epigrama», procuro pensar de quina manera Manuel Resende interpel·la el passat en la seva poesia, proposant d'interrompre la recurrència històrica que encamina les societats cap a la catàstrofe. Les evidents simetries entre l'ascens dels feixismes en la primera postguerra i l'actual recrudescència de l'extrema dreta ens obliguen a comprendre i a preveure les condicions que, ahir com avui, el van originar. Recorrent a la concepció històrica de Walter Benjamin, que es mostra decisiva en la comprensió de la poesia de Manuel Resende, aquest article suggereix que només la revolució permetrà interrompre el curs del temps i redimir els vençuts de la història. «Epigrama» sorgeix, d'aquesta manera, com un exercici de fer present una realitat ombrívola que, malgrat les diferències de cada circumstància històrica, pot tornar a produir-se en el nostre temps. Com procuro argumentar, alertar sobre les greus conseqüències d'aquest retorn és un dels propòsits fonamentals de la poesia de Manuel Resende.

**PARAULES CLAU:** poesia; política; història; feixisme; revolució.

## QUESTIONING THE PAST, SAFEGARDING THE FUTURE – THE POETRY OF MANUEL RESENDE

**ABSTRACT:** Reading the poem “Epigrama”, this paper tries to think about the way in which Manuel Resende questions the past in his poetry, proposing the interruption of historical recurrence that leads societies towards catastrophe. The obvious symmetries between the rise of fascism in the first post-war period and the current resurgence of the far-right compel us to understand and to prevent the conditions that have originated it in the past as well

as in the present. Using Walter Benjamin's vision of history, which appears to be of crucial importance in understanding Manuel Resende's poetry, it is suggested that only revolution will interrupt the course of time and redeem the losers in history. "Epigrama" emerges as a presentification exercise of a dark reality that, despite the differences of each historical circumstance, can once again happen in our times. Alerting us to the serious consequences of this return is also, as I try to argue, one of the objectives of Manuel Resende's poetry.

KEYWORDS: poetry; politics; history; fascism; revolution.

Até então mais reconhecido como tradutor do que como poeta, em Abril de 2018, Manuel Resende viu publicada a sua obra poética num volume que reunia *Natureza Morta com Desodorizante* (1983), *Em Qualquer Lugar* (1997<sup>1</sup>) e *O Mundo Clamoroso, Ainda* (2004), os três livros de poesia por si publicados ao longo de quase vinte anos, aos quais se acrescentaram ainda alguns poemas inéditos. Um dos aspectos mais marcantes desta poesia, a qual merecera até àquele momento uma «grande distração crítica» (Guerreiro 2018), é o seu forte compromisso com as contingências da História. Em muitos dos seus poemas, encontramos uma persistente interpelação do devir histórico através de alusões a atrocidades facilmente identificáveis (o campo de extermínio de Auschwitz, o gueto de Varsóvia, o massacre de Srebrenica), que ilustram uma visão catastrofista do curso da História. Manuel Resende parece encarar a poesia como meio privilegiado de expressão do mundo que nos cerca e, sobretudo, daquilo que o mundo nos revela de injusto, de violento, de devastador. O compromisso do poeta com o mundo é, por isso, um compromisso com aqueles que sofreram as injustiças da História, mas também com aqueles que, no presente, correm o risco de voltar a sofrê-las.

Assim acontece com «Epigrama», poema incluído no primeiro livro de Manuel Resende, *Natureza Morta com Desodorizante*. Embora aluda a um acontecimento historicamente situado (a ascensão do fascismo italiano), «Epigrama» continua hoje a interpelar as nossas consciências e o tempo perigoso que nos foi dado viver. Começemos por citá-lo na íntegra:

Não não foi pela usura que veio o Duce  
Nem por casas de pedra fresca nem pelo fresco na pedra

<sup>1</sup> Apesar de, em *Poesia Reunida, Em Qualquer Lugar* vir datado de 1998 (cf. Resende 2018a: 85), este segundo livro de Manuel Resende foi, na verdade, publicado em 1997 (cf. Resende 1997).

Foi pela ganância pelo árduo  
Exercício espiritual das transferências de fundos  
Foi pelas costas da Etiópia, suor destilado no norte d'áfrica  
Por um exército de diarreias e palavrões nas camaratas  
Não o Duce não veio pela usura  
Mas pelo medo das províncias  
Mas para que os escravos digerissem  
Diligentemente a fome pois a fome  
É o pão mais duro de roer (Resende 2018a: 45).

Neste poema, Manuel Resende aponta algumas das causas que terão levado à ascensão ao poder de Benito Mussolini, líder do fascismo italiano e principal inspiração dos regimes fascistas implantados em Portugal, Espanha e Alemanha no período entre guerras mundiais. Ao afirmar que o «Duce» terá vindo «pela ganância pelo árduo | Exercício espiritual das transferências de fundos», o poeta parece atribuir a responsabilidade da ascensão de Mussolini à ambição desmesurada de maiores lucros por parte das classes dominantes, que em benefício próprio terão favorecido a tomada do poder pelo líder fascista.

De acordo com o historiador Fernando Rosas, que se tem dedicado ao estudo do fascismo, os sistemas liberais dos países da periferia europeia reagiram à grave crise política, económica e financeira do primeiro pós-guerra, rendendo-se aos movimentos fascistas emergentes que prometiam

instalar um poder apto a adotar políticas de ativa intervenção do Estado na vida económica, regulando a concorrência, protegendo mercados, assegurando o barateamento dos custos do trabalho, arbitrando os conflitos entre os diversos setores das classes dominantes, em suma, recuperando e maximizando a acumulação e o lucro (Rosas 2022: 50).

Essa rendição ao fascismo traduziu-se, em muitos casos, num apoio direto por parte dos Estados e das oligarquias financeiras que viram no fascismo um último recurso para garantirem a manutenção do seu poder num momento de particular dificuldade:

Atados pelo peso da dívida externa e seus encargos, estruturalmente dependentes do financiamento estrangeiro para se manterem à tona, com défices crescentes nas contas públicas, a economia estagnada e em recessão, os sistemas liberais perifé-

ricos afundavam-se na impotência e no medo. É da impotência e do medo que brotará [...] a rendição ao fascismo (Rosas 2022: 90).

Em «Epigrama», também o medo originou a vinda do «Duce», o «medo das províncias» nas suas múltiplas formas: o medo do outro, do diferente, o medo do futuro também. O medo explorado, à semelhança do que também hoje acontece, para fins políticos.

Sublinhando o carácter imperial do projecto fascista, Resende alude ainda às pretensões coloniais de Mussolini em África («Foi pelas costas da Etiópia, suor destilado no norte d'áfrica»), sem esquecer as condições precárias dos soldados que participaram nessas incursões: «um exército de diarreias e palavrões nas camaratas». São também eles os escravos de que se fala num dos versos seguintes.

Ironicamente, o poeta refere que o «Duce» veio «para que os escravos digerssem | Diligentemente a fome». Não deixa de haver escravos, nem fome, mas com o «Duce» os escravos passariam a tolerar mais zelosamente a fome, porque, para o fascismo, importaria não acabar com a fome, mas aprender a suportá-la com maior diligência e sobretudo sem contestação. O poema termina num tom ainda irónico, com um verso lapidar, quase aforístico, ecoando uma conhecida expressão popular, mas concedendo-lhe contornos paradoxais: o ditador teria vindo, assim, para que os escravos pudessem suportar a fome com maior diligência «pois a fome | É o pão mais duro de roer».

De forte pendor político, a poesia de Manuel Resende evoca frequentemente algumas das maiores barbaridades da História, entre as quais se contam também as provocadas pelos fascismos europeus. Num duplo movimento de indagação do passado e do presente, o poeta recorda os mortos e aqueles que sofreram, mas não deixa de abordar o tempo a partir do qual escreve, denunciando a precariedade com que «os explorados atravessam esta era» (Resende 2018a: 47).

No poema «Um Dia de Vida (Crítica da Razão Heróica)», o poeta inscreve a sua vida num presente marcado pela exploração, que é, na verdade, o denominador comum da História, uma História construída à custa do trabalho de uma «geração interminável de escravos» (Resende 2018a: 50). Sejam estes os escravos de «Epigrama» ou outros, os de ontem ou os de hoje, em todo o caso, irmana-os a exploração, a precariedade, a derrota, motivo por que se incluem todos entre os que «mordem o pó» levantado pelo cortejo dos vencedores (Benjamin 2017: 12). Walter Benjamin, cuja concepção da História se afigura in-

dispensável para compreender a essência da poesia de Manuel Resende, é apropriadamente citado em epígrafe ao seu primeiro livro, designadamente a conhecida tese IX de «Sobre o Conceito da História», que fala de um anjo que, empurrado para o futuro pelo vento do progresso, se volta para o passado para contemplar apenas um monte de destroços. A tradução é da autoria do próprio Manuel Resende<sup>2</sup>:

Um anjo parece estar-se afastando de algo que contempla fixamente. Tem os olhos abertos, a boca aberta e as asas desfraldadas. Assim imaginamos o anjo da História. Encontra-se de face voltada para o passado. No que vemos uma cadeia de acontecimentos, vê ele uma única catástrofe, uma interminável catástrofe que continuamente acumula destroço após destroço e os vai amontoando a seus pés. Desejaria ficar, despertar os mortos e reconstituir os pedaços, mas sopra do paraíso uma tempestade que lhe toma as asas com tal violência que o anjo já nem consegue fechá-las e é irresistivelmente impelido para o futuro, que lhe está atrás, enquanto, à sua frente, a pilha de destroços cresce para os céus. A esta tempestade chamamos progresso (Resende 2018a: 15).

O anjo da História desejaria ficar e reconstituir a vida a partir dos destroços do passado e é isso que, de acordo com Benjamin, os mortos esperam dos vivos, pois existe um «acordo secreto entre as gerações passadas e a nossa» que se baseia numa «ténue força messiânica a que o passado tem direito» (Benjamin 2017: 10). Na terceira parte de «Entre o Papel e a Palavra», Manuel Resende menciona os mortos que parecem aguardar justamente essa redenção: «Que tempos estes Que mortos | Já em nós esperam» (Resende 2018a: 55). Os mortos que «em nós esperam» aguardam a redenção como um direito que lhes assiste e que é nosso dever acautelar. É nesse sentido que «fomos esperados sobre esta Terra» (Benjamin 2017: 10), isto é, esperados pelos mortos para procedermos ao seu resgate. Antes de aludir aos mortos, porém, o poeta começa por se referir ao tempo presente («Que tempos estes»). Estabelecendo esta ligação entre mortos e vivos, ele sabe que o que acontecer no presente produzirá inevitavelmente efeitos sobre o modo como se encara o passado:

<sup>2</sup> Esta é a única passagem citada de Walter Benjamin traduzida por Manuel Resende; as restantes citações são traduções de João Barrento.

Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para a dominar. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. Só terá o dom de atizar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver aprendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E este inimigo nunca deixou de vencer (Benjamin 2017: 11).

Também os mortos estarão em perigo se o poeta não tiver em conta que se, no presente, não se vencer o inimigo, aquele que procura conformar a tradição em seu favor, também no passado a derrota se fará sentir. Se voltarmos a pensar em «Epigrama», seremos capazes de entender que se não combatermos no presente o inimigo (isto é, a extrema-direita em ascensão), os mortos, os «escravos» que sofreram no passado às mãos dos regimes fascistas, estarão eles próprios em risco de caírem no esquecimento que se prepara para os dominar. Em «Epigrama», Manuel Resende expõe as causas que estiveram na origem da tomada de poder por Mussolini, ao mesmo tempo que, ao mencioná-los, se propõe resgatar do esquecimento os «escravos» daquele período sombrio, tarefa em que apenas será bem-sucedido se o fascismo não tornar a vencer nos dias de hoje. É preciso, portanto, não apenas redimir os vencidos da História, mas superar completamente o Anticristo, isto é, o fascismo, o de ontem e o de hoje.

No Apêndice B de «Sobre o Conceito da História», Benjamin refere ainda que, no judaísmo, «cada segundo era a porta estreita por onde podia entrar o Messias» (Benjamin 2017: 20). Seguindo a sua lógica messiânica-revolucionária, o mesmo é dizer que cada segundo era a porta estreita por onde podia entrar a revolução. E a revolução, para Benjamin, é o acontecimento que permitirá a redenção simultânea de vivos e mortos, interrompendo no presente o curso da História que a encaminha no sentido da catástrofe:

Marx diz que as revoluções são a locomotiva da história universal. Mas talvez as coisas se passem de maneira diferente. Talvez as revoluções sejam o gesto de acionar o travão de emergência por parte do género humano que viaja nesse comboio (Benjamin 2017: 154).

Convém referir, no momento em que citamos Benjamin (que, por sua vez, cita Marx), que não podemos entender a manifesta pulsão revolucionária da poesia de Manuel Resende sem termos o marxismo por quadro de referência.

Assim sucede, por exemplo, na leitura da terceira estrofe do poema «Escrever nas Costas», na qual o poeta afirma continuar a acreditar na «força imensa das massas populares», às quais caberá promover a revolução:

Juro que acreditei e acredito  
Na força imensa das massas populares.  
Eu sou dessa massa — e que doutra massa seria?  
Só no mundo, mesmo que esteja só no mundo,  
Outra coisa não posso dizer, nem outra língua falar.  
O homem é uma coisa  
Que há-de ter de ser (Resende 2018a: 110).

No pensamento marxista, as massas populares são agentes da História e, quando organizadas, podem provocar a mudança social. Começando por identificar-se com um colectivo a que pertence («Eu sou dessa massa — e que doutra massa seria?»), o poeta afirma crer na «força imensa das massas populares», nas quais deposita a esperança de transformação da sociedade e de cumprimento total do homem: «O homem é uma coisa | Que há-de ter de ser». Manuel Resende defende a necessidade de transformação social com recurso à revolução e di-lo sem que essa implicação ideológica constitua um limite à expressão da sua singularidade poética, sem ceder a qualquer espécie de instrumentalização panfletária das palavras.

De resto, o poeta não pretende convencer ou mobilizar, mas antes instigar o pensamento. Em entrevista ao *Público*, assumindo-se de extrema-esquerda, Manuel Resende reconhece que o seu discurso se destina menos a dirigir as massas (as «massas populares» de «Escrever nas Costas») do que a provocar uma reflexão sobre o estado do mundo:

A realidade que conhecemos é rala e reles. As pessoas que não têm dinheiro para acabar o mês, os soldados na guerra... Parecendo que não, é um dado quotidiano. Há uma música de fundo, mas é uma música de guerra, de conquista, de luta pelos recursos do planeta. É essa a nossa realidade. É nessa realidade que a gente vive e contra a qual temos de afirmar o nosso eu; temos de reagir. Isto é profundamente político. Mas ninguém conseguiria dirigir as massas com um discurso como o meu. Ri, uma gargalhada rouca, arrastada, com vontade. Porque não?, indaga-se. Porque é um discurso que parece um bocado disparatado; é um discurso que quer levar à interrogação (Resende 2018b).

Esta «música de fundo», esta música «de guerra, de conquista, de luta pelos recursos do planeta», tem sido a regra da nossa realidade, da nossa «ralidade», termo que Resende inventa para significar a realidade «rala e reles» em que vivemos. Este termo *resendiano* surge em «Cantiga à Ralidade», poema que concilia a forma do soneto com a linguagem coloquial e que começa assim: «S'a ralidade não me chatiar, | Não vou eu chatiar a ralidade. | Porém, essa megera sem idade | Não tem tempo e fronteiras, não tem lar.» (Resende 2018a: 127). A «ralidade» é a realidade sem tempo, sem fronteiras, sem lar, que permanentemente ameaça o poeta e sempre «busca o qu'há-de | Servir-lhe de pretexto pra provar | Que continua a mesma ralidade» (Resende 2018a: 127).

Esta «mesma ralidade» não é senão a da História que se repete, imutável realidade que recorrentemente produz morte e devastação e «contra a qual temos de afirmar o nosso eu; temos de reagir» (Resende 2018b). É esta reacção, esta afirmação do eu, que constitui o movimento de resistência que o poeta reputa de «profundamente político», pois parte de uma oposição à realidade tal como é (à «ralidade») para projectar uma outra realidade tal como se deseja que seja. E essa outra realidade desejável só se alcança por via da revolução, aquela que, à maneira benjaminiana, permitirá salvar vivos e mortos.

Para Benjamin, as classes trabalhadoras devem alimentar-se da «imagem dos antepassados oprimidos», não do «ideal dos descendentes livres» (Benjamin 2017: 16). De igual forma, em «Epigrama», Manuel Resende contempla a imagem dos antepassados oprimidos («os escravos» que digeriram «Diligentemente a fome»), aproveitando o potencial revolucionário que Benjamin encontra na rememoração para vingar um passado marcado pela repressão fascista. Consciente de que a História tende a repetir-se, o poeta procura alertar para as condições que poderão propiciar na actualidade o recrudescimento do fascismo. A revolução surge, assim, como movimento de ruptura que permitirá «destruir o contínuo da história» (Benjamin 2017: 18), interromper o curso do tempo que ciclicamente nos conduz ao abismo.

Na segunda parte de «Crítica da Razão Pragmática», o poeta exaspera-se por «ser sempre tão irremediável o que ontem foi outro hoje» (Resende 2018a: 27), verso que parece traduzir a consciência de um eterno retorno do mesmo que não pode deixar de ser sentido como fardo. Para Resende, «ontem» foi apenas um «outro hoje», de onde decorre que «hoje» será certamente igual a «ontem», continuando tudo a ser hoje «tão irremediável» quanto havia sido ontem.



Mas, na verdade, a História nunca se repete exactamente. Sendo cíclicas, as crises do capitalismo assumem sempre contornos diferentes, uma vez que obedecem às características específicas de cada momento histórico. Ainda assim,

[...] as circunstâncias históricas e sistémicas que podem originar a grande conflitualidade política e social, as revoluções e as guerras, ainda que com origens epocalmente distintas, são suscetíveis de voltar a verificar-se sob novas formas, sendo os seus efeitos seguramente diferentes, largamente imprevisíveis, mas igualmente geradores de inquieta expectativa (Rosas 2022: 287-288).

Pese embora a diferença, um atento exame comparativo entre o período entre guerras e os últimos vinte anos deste século permite deslindar algumas simetrias preocupantes. A emergência dos fascismos europeus nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial ficou a dever-se à crise do sistema liberal (nas suas múltiplas dimensões: política, económica, financeira, social) e à resposta que as classes dominantes procuraram dar-lhe, visando a «recuperação das suas taxas de lucro e de acumulação» (Rosas 2022: 288). Essa resposta teve, no entanto, graves consequências para as classes trabalhadoras, nomeadamente o desemprego em larga escala (assim aconteceu, por exemplo, na Alemanha, nos anos que precederam a conquista do poder pelo partido nazi). De forma semelhante, a crise sistémica que atravessamos (também multidimensional), que teve no colapso financeiro de 2008 o seu pináculo, desencadeou uma reacção dos governos europeus e das instituições financeiras internacionais que passou pela implementação de políticas de austeridade, que resultaram igualmente num aumento acentuado do desemprego e da pobreza. Num tempo em que o neoliberalismo parece ter-se tornado a «estratégia global do capitalismo para responder à crise», os grandes grupos económicos têm procurado recuperar as suas taxas de lucro, recorrendo à redução dos custos do trabalho e forçando uma «drástica inversão da relação de forças social e política instalada a partir do segundo pós-guerra» (Rosas 2022: 289).

Encontramo-nos, assim, num momento de reversão das conquistas sociais que tiveram lugar na segunda metade do século xx, levada a cabo pelas classes dominantes em nome da recuperação das suas taxas de lucro, isto é, em nome da «ganância», do «árduo | Exercício espiritual das transferências de fundos» a que Manuel Resende alude no poema «Epigrama». Ao juntar à hegemonia

conquistada pela doutrina neoliberal nas políticas de resposta à crise, também o discurso xenófobo e racista começou a ganhar espaço nas nossas sociedades, deslocando a clivagem entre «nós» e «eles» de um plano socioeconómico (nós, os pobres; eles, os ricos) para um plano étnico (nós, os nacionais; eles, os estrangeiros, os imigrantes). Se, há cerca de cem anos, este tipo de discurso explorava o medo em relação aos judeus, hoje ele tem como alvos os ciganos, os imigrantes, os refugiados. Persistentemente explorado pelos actuais movimentos de extrema-direita, o «medo das províncias» referido por Resende em «Epigrama» assenta na desconfiança em relação a um outro visto como diferente, porventura até como inimigo, com base em pressupostos racistas e xenófobos. Ontem como hoje, a extrema-direita elege como estratégia fundamental a exploração do medo, fazendo assim perigar os fundamentos dos nossos regimes democráticos e a coesão das nossas sociedades.

Uma vez chegado ao poder, o fascismo gera apenas mais escravidão e mais fome, e é a consciência desse facto, para a qual contribui a leitura atenta de «Epigrama», que nos obriga a oferecer a máxima resistência ao seu actual re-rudescimento. Afigurando-se cada vez mais evidentes os paralelismos históricos entre o primeiro pós-guerra e o período que actualmente vivemos, a revolução surge como via necessária para provocar a interrupção do curso da História que ciclicamente coloca as sociedades no caminho da catástrofe. Assim defende Walter Benjamin, cuja visão da História influenciou significativamente a obra de Manuel Resende. Deste modo, a pulsão revolucionária da sua poesia decide-se também no modo como se propõe redimir não apenas os escravos do passado, os que sofreram atrocidades às mãos dos regimes fascistas, mas também os escravos do presente, os «explorados [que] atravessam esta era» (Resende 2018a: 47) e que não se encontram a salvo de sobre eles voltar a cair o flagelo do fascismo.

É também neste sentido que, na nona secção de «Um Dia de Vida (Crítica da Razão Heróica)», o poeta ensaia a sublevação de todos os escravos: «Um grito indomado cerca a terra toda; é a revolta dos escravos» (Resende 2018a: 53). Neste longo poema, Resende afirma conhecer as dores dos homens entre os quais caminha, que são afinal as suas: «eu sei o trabalho duro dos homens, a mão rudemente trabalhada pela plaina, a máquina, o dedo na engrenagem» (Resende 2018a: 47). Esse «grito indomado», em que o poeta também participa, surge como culminação de uma espécie de épica da vida urbana, um louvor da técnica sob o signo da «Ode Triunfal», de Álvaro de Campos:

Eia pontes! Eia gruas, braços arranhando o nevoeiro dos portos! Eia formigamento de braços moles aguentando a estiva contra o peso e o sol!  
 Eia suor, eia rumor, ronronar, triturar, estuar, estourar abrir das ostras e da noite, eia súbito lançamento da manhã, eia multidão invadindo as ruas, invadindo os transportes, os portos, a alma, os olhos, invadindo tudo! (Resende 2018a: 50).

Mais do que uma épica da vida urbana, trata-se de um discurso poético de enaltecimento de um herói colectivo e anónimo, um herói operário, a quem as cidades ficam a dever a sua existência, o seu movimento, a sua vida:

todos esses homens tiveram de existir por vós cidades  
 gerações intermináveis  
 através das doenças do sono da angústia do terror das  
 perseguições  
 da ignomínia (ó geração interminável de escravos) (Resende 2018a: 50).

O poeta rememora esta «geração interminável de escravos», composta por homens que «até à morte tiveram que existir e todas as suas horas desde a fresca manhã [...] | até ao aluvião lodoso da noite» (Resende 2018a: 49), homens em cujo labor repousa a própria existência das cidades. Manuel Resende sabe não poder falar das cidades sem falar de todas as gerações que sofreram para as construir, como sabe não poder falar das guerras sem falar dos soldados que as combateram, esse «exército de diarreias e palavrões nas camaratas», referido no poema «Epigrama» (Resende 2018a: 45).

Em muitos dos seus poemas que interpelam a História, o seu compromisso com o mundo é dado através da voz de um sujeito poético colectivo, de um «nós» que fala a partir da consciência de um devir comum. O frequente uso da primeira pessoa do plural permite associar o poeta a um grupo humano mais vasto, a uma comunidade com a qual se compromete e se vê a partilhar o destino. Nos dois primeiros versos da segunda parte do poema «Relatório», Resende propõe não apenas uma fórmula dessa comunhão, mas sobretudo uma poética: «Eu é um pseudónimo de nós | E nós o pseudónimo disto tudo» (Resende 2018a: 70). Em entrevista ao *Público*, dá conta dessa sua relação com os outros e com a História nos seguintes termos: «Nós somos fruto da História

[...] um resumo do que se passou; o eu é uma luta constante para sobressair do magma. Faz-se contra o outro, mas com os outros» (Resende 2018b). O poeta é um «fruto da História», um «resumo do que se passou», mas não deixa de tentar destacar-se nessa «luta constante para sobressair do magma». O «eu» constrói-se «contra o outro», contra um outro eventualmente hostil, mas também «com os outros», a quem se encontra fraternalmente ligado. O homem não pode senão existir na História, procurar criar-se no seu seio, reagindo contra o mundo, mas reconhecendo-se produto dele: «Comecei por lhe dizer que a minha reacção é uma reacção contra o mundo, mas compreendendo que somos um produto do mundo» (Resende 2018b).

Deste modo, a nossa vida inscreve-se na História comum, afecta-a e é afectada por ela. No prefácio à sua tradução da poesia de Konstantínos Kaváfis (145 *Poemas*), o que diz Manuel Resende sobre os «poemas históricos» do autor grego poderia, na essência, aplicar-se a alguma da sua própria poesia, nomeadamente aquela que coloca o indivíduo no centro de um devir histórico que o submete:

[...] os poemas históricos vão enraizar-se na relação mais primitiva que se pode imaginar: a trágica inserção do indivíduo num fluir de acontecimentos que o afogam. Os seres humanos agem, é certo, mas a História é um rio caudaloso cujas forças os subjagam e os surpreendem (Resende 2017: 12).

O ser humano existe na História e pode ser por ela surpreendido a qualquer momento. «Poema para um Tchetcheno» expressa bem esse perigo iminente, a permanente ameaça desse «rio caudaloso» que nos assalta e surpreende: «a História é assim salta-nos ao caminho e não convém | estar em sítios que não convém quando ela passa. || porém ela | não avisa quando vem» (Resende 2018a: 114). Tendo a Primeira Guerra da Tchetchénia como pano de fundo, o poema coloca em cena um professor (não por acaso de História) que vê a História entrar-lhe subitamente em casa: «plo buraco na parede do disparo do canhão do tanque russo | entrou-te o míssil o medo | e com ele a pátria em casa (Resende 2018a: 113). Esta intromissão do devir histórico na vida individual tem em «Poema para um Tchetcheno» um exemplo eloquente, mas encontra-se também nos poemas de Resende que aludem a outros eventos catastróficos como a Segunda Guerra Mundial ou o campo de extermínio de Auschwitz.

Em «Escrever nas Costas», Resende parece colocar a questão da pertinência da poesia num contexto de devastação, num mundo que cede ao mal

de que Auschwitz é expoente máximo. Este poema pode ser lido a partir da célebre sentença de Theodor W. Adorno, segundo a qual «escrever poesia depois de Auschwitz é um acto bárbaro» (Adorno 1997: 34)<sup>3</sup>. De acordo com o filósofo alemão, no seio de uma cultura marcada pela reificação absoluta, que criou as condições para que Auschwitz pudesse acontecer e que é, por isso, ela própria bárbara, escrever poesia seria um acto bárbaro, na medida em que prolongaria a barbárie da cultura em que essa escrita teria lugar.

Embora não contenha nenhuma referência concreta ao Holocausto, o poema alude a um «inferno» e à «face desfigurada dos cadáveres», numa estrofe que termina com uma interrogação em que não podemos deixar de escutar um eco do enunciado adorniano: «E a pergunta agora é esta: | Podemos fazer deste inferno estética?» (Resende 2018a: 110).

Toda a obra poética de Paul Celan pode ser entendida como resposta ao postulado de Adorno. Celan parece escrever a partir de Auschwitz, não apenas pela circunstância biográfica de ter sofrido pessoalmente os horrores do Holocausto, mas também por ter escolhido escrever na língua em que se orquestrou a «solução final», a língua alemã. Essa língua, que é «também a língua dos assassinos», é a «única coisa que ficou da tragédia global da história e da cultura, e é ela que o poeta se propõe “salvar” para usos mais humanos e solidários» (Barrento 2005: 27). Para o ensaísta João Barrento, Celan é um «filho de Auschwitz», cuja vida e obra tiveram «uma única “origem” (no sentido não genealógico, mas dialéctico que Benjamin dá ao termo) e um único sentido: o de contradizer o conhecido *dictum* de Adorno sobre a impossibilidade da poesia depois de Auschwitz» (Barrento 2005: 27). Os «usos mais humanos e solidários» da língua que Celan se propõe salvar são aqueles que, através da poesia, permitem ir ao encontro do Outro:

O poema é solitário. É solitário e vai a caminho. Quem o escreve torna-se parte integrante dele.

Mas não se encontrará o poema, precisamente por isso, e portanto já neste momento, na situação do encontro — *no mistério do encontro?*

O poema quer ir ao encontro de um Outro, precisa desse Outro, de um interlocutor. Procura-o e oferece-se-lhe (Celan 1996: 57).

<sup>3</sup> A citação de Theodor W. Adorno tem tradução minha.

O poema solitário devém poema solidário, porque se encaminha na direcção de um Outro, porque o pressupõe no momento em que nasce. É esta resposta ao apelo do Outro que determina a dimensão ética da poesia de Celan, uma poesia «das “vítimas”, pensada e feita com elas e para elas» (Barrento 1996: 81). Seria certamente ao emudecimento que a sentença de Adorno acabaria por condenar as vítimas se os poetas se conformassem à suposta impossibilidade da poesia depois de Auschwitz. No entanto, a poesia resiste ao emudecimento, fala e, falando em causa própria, propõe-se falar também em causa alheia, «em nome de um Outro, quem sabe se em nome de um *radicalmente Outro*» (Celan 1996: 55).

Rememorando as experiências dos homens e mulheres que sofreram em lugares como Auschwitz, também a poesia de Manuel Resende é uma poesia «das “vítimas”, pensada e feita com elas e para elas» (Barrento 1996: 81). No poema «Escrever nas Costas», a interdição de Adorno que Resende transforma em interrogação («Podemos fazer deste inferno estética?») é precedida pela enunciação de um obstáculo moral que, no fundo, a origina: o poeta depara-se com «[u]ma espécie de moral» que o proíbe de «[e]xpor a face desfigurada dos cadáveres», o que o obriga a «procurar noutro sítio mais inexistente o grito mudo dos seus iguais» (Resende 2018a: 110). É, pois, na sua poesia que Manuel Resende procura esse grito, dando-lhe um espaço onde possa exprimir-se, tirando-o da mudez que o ameaça. No contexto de um mundo devastado, a pertinência da sua poesia decide-se precisamente no modo como ela se dedica a pensar a existência do Outro, possivelmente de um Outro que sofre(u), resistindo ao silêncio que sempre se prepara para o dominar. Deste modo, o poeta parece responder afirmativamente à pergunta que coloca: ao testemunhar os diversos infernos históricos, Manuel Resende vai ao encontro daqueles que os sofreram, transformando esse sofrimento em experiência estética, em poesia.

Na sua poesia, Manuel Resende escolhe encaminhar-se na direcção de um Outro, de um Outro humano, mas também de uma alteridade histórica, de um mundo que o poeta projecta tal como desejaria que fosse. Em linha com a visão de Walter Benjamin, Resende parece sugerir que a única via de interrupção do curso catastrófico da História passará pela revolução, isto é, pela abolição da sociedade actual e pela construção de um novo modelo social.

Em Portugal, apenas a Revolução de Abril viria interromper quase cinquenta anos de fascismo. Na segunda parte do poema «Entre Abril e Junho 74», o poeta alude a acontecimentos decorridos nas primeiras semanas do PREC

(Processo Revolucionário em Curso), não hesitando em vincular-se ao intuito fundamental da revolução, o de fazer cair um regime que «nos apodrecia», mas também ao propósito mais geral de derrubar todas as ditaduras do mundo, todos «os grandes da terra»:

Que o regime caia pois que nos apodrecia  
Que caia e caia cem mil vezes pois que tinha que cair  
    E que vá para o inferno o raio do regime (que corra para  
    o mar por esses esgotos)  
Que caiam os grandes da terra pois é bom ouvi-los fazer  
    o barulho de caírem  
E já era tempo de petiscarmos um pouco de ilusão de  
    Justiça (Resende 2018: 58-59).

Na tese xv de «Sobre o Conceito da História», Benjamin lembra um episódio ocorrido no início da Revolução Francesa quando «em vários locais de Paris, várias pessoas, independentemente umas das outras e ao mesmo tempo, começaram a disparar contra os relógios das torres» (Benjamin 2017: 18). Benjamin ilustra desta forma a suspensão do tempo provocada pela revolução, a qual, ao surgir, deverá «destruir o contínuo da história», interrompê-lo.

Como defende Rosa Maria Martelo, também a poesia é da ordem da interrupção, da suspensão dos trabalhos e dos dias. Tanto no momento da escrita quanto no da leitura, a produção desse tempo outro de que a poesia se encarrega favorece a libertação do tempo que nos foi dado viver, um tempo de encontros e desencontros:

a poesia produz uma interrupção no curso do tempo, e essa intempestividade é experimentada de forma libertária tanto por quem escreve quanto por quem lê. [...] O tempo da poesia é da ordem do intervalo, do hiato, e também da estratificação, da sobreposição. Nessa medida, toda a poesia, pelo simples facto de o ser, resiste ao curso dos dias, às formas de vida em função das quais nos encontramos e desencontramos, nós e as nossas circunstâncias (Martelo 2022: 11).

A revolução interrompe o curso da História, da mesma forma que a poesia interrompe o curso do tempo. Segundo Rosa Maria Martelo, espera-se da poesia que ela produza uma ruptura que «confirme a vitalidade do tecido social pela possibilidade de se gerarem tensões e rompimentos na mesmidade» (Mar-

telo 2022: 17), isto é, que introduza uma nova unidade de tempo capaz de comprometer a massificação cultural, mas também a recorrência histórica a que parecemos estar condenados. Em Manuel Resende, o poema «Crónica do Tempo que Pára» remete, desde logo no título, para essa suspensão do tempo: «E agora | Expulsos | Os vendilhões do tempo | Fico a senti-lo | Suspenso | No ar | A latejar | Comigo» (Resende 2018: 178). A escrita é entendida como meio de combate ao estado do mundo, movimento de resistência que procura forçá-lo a um recuo: «Deitámos tantas palavras sobre o mundo | A ver se o mundo se arrepende» (Resende 2018: 179). Ou pode simplesmente dar conta de uma epifania que interrompe o fluxo habitual do tempo: «Pára então lento o tempo ali se fica demorando | Tecendo infindas redes de ar nesse espantado espaço | A terra cheira a terra e abre em nós a flor aguda | Por onde um mundo vivaz entra e tudo se mistura» (Resende 2018a: 192). Mas, para que a vida realmente nos pertença, é preciso que o ritmo quotidiano se suspenda (e nele: o trânsito, o consumo), dando lugar a uma existência mais realizada: «Há uma grande necessidade de vida | Parem os semáforos todos no lilás | E as lojas e as grandes cadeias e os pequenos mercados | E as grandes aldeias e as pequenas cidades» (Resende 2018a: 176).

Manuel Resende parece, assim, crer no potencial revolucionário da poesia. O poeta acredita que a palavra justa, no momento certo, pode conter a força necessária para provocar no mundo um forte abalo. Em entrevista ao *Jornal de Letras*, questionado sobre o poder das palavras, Resende responde assim:

Sabe por que razão um exército não pode marchar por cima de uma ponte? [...] O movimento ordenado e cadenciado de um pelotão pode articular-se com a oscilação natural de uma ponte e levar ao seu colapso. Certas palavras ditas na altura certa têm uma força imensa, como se viu no Maio de 68. Mas para isso é preciso encontrar a música, e sobretudo o ritmo, de cada tempo. É muito difícil (Resende 2018c).

Este desígnio de uma poesia que ambiciona marcar o passo da vida, ritmar o curso de um mundo onde o «homem é uma coisa | Que há-de ter de ser» (Resende 2018a: 110), é bem assinalado pelos editores de *O Mundo Clamroso, Ainda* na nota biográfica que incluíram na badana desse terceiro livro de Resende: «Não deseperou de que a poesia, escrita, dita ou vivida, possa um dia ritmar o viver, num mundo em que o livre desenvolvimento de cada um seja condição do livre desenvolvimento de todos» (Resende 2004).



Desta forma, a poesia de Manuel Resende procura afirmar uma resistência à recorrência histórica, projectando um tempo outro em que o homem possa enfim cumprir-se. Enquanto evoca a memória de atrocidades cometidas nomeadamente pelos regimes fascistas, propõe uma ruptura com esse curso da História e aponta para um futuro em que atrocidades de tal ordem não deverão voltar a ter lugar. De acordo com o ensaísta Carlos Nogueira, que tem estudado o tópico a partir da obra de José Saramago, o mal inscreve-se na História e actua em vários sentidos: «o mal (violência, ódio, morte, submissão de muitos às mãos de poucos) cristaliza-se em cada presente, em cada aqui e agora, de onde pode alastrar (como tem alastrado) para toda a História» (Nogueira 2021: 369). Assim como o autor de *Memorial do Convento* «capta o sentido da sua época com especial acuidade e a relaciona com uma determinada época anterior», também Manuel Resende, desde logo no poema «Epigrama», pretendeu interpelar as consciências contemporâneas num presente que, porventura, sentia já sob ameaça, abrindo a História a um futuro livre da repetição dos processos de construção do mal «enquanto ordem socialmente estruturada» (Nogueira 2021: 373).

Num momento em que a extrema-direita cresce e se consolida um pouco por toda a Europa, torna-se imperioso voltar a olhar para a História e prevenir as condições que propiciaram, há cerca de um século, a emergência dos fascismos europeus. Interpelando as nossas consciências e o tempo perigoso que atravessamos, «Epigrama» cumpre um propósito fundamental: tornar presente o que pode voltar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. (1997). «Cultural Criticism and Society». *Prisms*. Trad. Samuel & Shierry Weber [em linha] [23 abril 2023] <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5798834/mod\\_resource/content/1/Theodor%20W.%20Adorno%20Prisms%20%28Studies%20in%20Contemporary%20German%20Social%20Thought%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5798834/mod_resource/content/1/Theodor%20W.%20Adorno%20Prisms%20%28Studies%20in%20Contemporary%20German%20Social%20Thought%29.pdf)>.
- BARRENTO, João (2005). *Ler o que não foi escrito: conversa inacabada entre Walter Benjamin e Paul Celan*. Lisboa: Cotovia.
- BARRENTO, João (1996). «Posfácio». Paul Celan. *Arte Poética: o Meridiano e outros textos*. Lisboa: Cotovia.
- BENJAMIN, Walter (2017). *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim.

- CELAN, Paul (1996). *Arte Poética: o Meridiano e outros textos*. Trad. João Barrento & Vanessa Milheiro. Lisboa: Cotovia.
- GUERREIRO, António (2018). «A acção solitária do poema». *Público*, 25 de Maio de 2018 [em linha] [23 de Abril de 2023] <<https://www.publico.pt/2018/05/25/culturaipsilon/critica/a-accao-solitaria-do-poema-1831171>>.
- MARTELO, Rosa Maria (2022). *Devagar, a Poesia*. Lisboa: Documenta.
- NOGUEIRA, Carlos (2021). «José Saramago e George Steiner: a antropologia do mal ou “o mal é”». *Anthropos*, 116, 367-377.
- RESENDE, Manuel (1997). *Em Qualquer Lugar, seguido de O Pranto de Bartolomeu de Las Casas*. Lisboa: &etc.
- RESENDE, Manuel (2004). *O Mundo Clamoroso, Ainda*. Águeda: Angelus Novus.
- RESENDE, Manuel (2017). «Apresentação de Konstantinos Kaváfis». Konstantinos Kaváfis. *145 Poemas*. Porto: Flop.
- RESENDE, Manuel (2018a). *Poesia Reunida*, posfácio de Osvaldo M. Silvestre. Lisboa: Cotovia.
- RESENDE, Manuel (2018b). «A poesia é muito rara para ser desperdiçada com porcarias». *Público*, 5 de Maio [em linha] [23 abril 2023] <<https://www.publico.pt/2018/05/05/culturaipsilon/noticia/manuel-resende-a-poesia-e-muito-rara-para-ser-desperdicada-com-porcarias-1815786>>.
- RESENDE, Manuel (2018c). «Manuel Resende: Surrealista e mais ainda». *Jornal de Letras*, 26 de Abril [em linha] [23 abril 2023] <<https://visao.pt/jornaldeletras/2018-04-26-manuel-resende-surrealista-e-mais-ainda/>>.
- ROSAS, Fernando (2022). *Salazar e os Fascismos*. Lisboa: Tinta-da-China.



Copyright © João Aragão, 2024. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.